

O HERALDO

Director, proprietario e editor

JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 3

«JORNAL DE ANUNCIOS»

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

O Heraldo

Não porque tenhamos de traçar um novo programma ou de regular uma situação que pudesse ter mudado com a nova orientação que tomou a vida portuguesa, mas, porque entendemos conveniente desfazer algumas duvidas que, ao que parece, a certos suscitou a mudança radical operada no meio politico, entendemos opportuno esclarecer em breves palavras de explicação essas duvidas algues expressas em letra redonda. Pequenos somos, pequinissimos até, como jornalistas e tendo encetado a publicação a um resumido *Jornal de Anuncios*, pudemos, passados vinte annos arcar com a empresa de um semanario—*O Heraldo*—então e por muito tempo—o unico jornal da terra—apenas com fugazes intermitencias de alguns outros, nascidos ou de caros e momentaneos caprichos politicos ou do prurido literario de algumas camadas sabidas de fresco das escolas—essas possuidas de enthusiasmo juvenil que depressa se distrae para outras occupações ou divertimentos.

E quando passámos do modesto annunciador de uma pagina, espalhado com profusão e gratuitamente a todos os cantos do Algarve e bem mais longe, ao nosso actual semanario que ainda agora vive de perfeita saude, continuámos apoiados exclusivamente no favor dispensado pelos antigos annunciantes e por muitas outras pessoas que desde então nos dispensaram a assignatura e a collaboração.

Nunca, todos o sabem, pedimos nem recebemos subsidios de qualquer entidade e por isso, de conta propria sempre estivemos livres para em publico deffender este ou aquelle ideal, elogiar ou criticar severamente os actos de uma ou outra entidade politica quer esses actos interessassem a vida economica ou politica do paiz quer fossem apenas o reflexo quasi apagado d'essa vida n'este obscuro e affastado burgo onde nascemos.

Essas são tambem as rasões por que agora continuamos com equal independencia e liberdade a acatar somente o que nos parecer tendente a avisar o progresso nacional, a vigiar pela moralidade na administração publica, ou rebustecer os nossos creditos meio abatados de nação que pertende ser civilizada e culta.

Por issoa mudança politica effectuada encontra-nos no mesmo posto em que nos conservamos: absolutamente independentes para encarar os factos como elles se apresentam, sem intuito preformado de os amesquinhar ou engrandecer conforme partem da iniciativa dos que estão de baixo ou de cima na administração, porque em nenhum partido politico temos logar marcado, e igualmente livres para poder

ir passando o panno humido sobre a nossa taboleta que desejamos conservar limpa da poeirada que ás vezes lhe atiram para cima.

Fazendo-se muito principalmente echo de todas as vozes que clamem pelo levantamento e progresso material da nossa Tavira e do nosso Algarve, *O Heraldo* tem sempre á disposição de quem quer que seja uma secção com o titulo *Tribuna Livre* onde poderão ser publicados e contestados todos artigos que tratem, no interesse geral, de doutrina politica, philosophica ou moral, artigos que serão de responsabilidade dos respectivos signatarios.

De resto—já, no-lo impunha a lealdade jornalística—quando na critica de uma funcção publica ou administrativa, a entidade que a desempenhar se julgue na obrigação de se justificar, encontra para a sua defeza as mesmas columnas onde em prol da *causa publica* tivermos procurado fazer triunfar a verdade e a justiça.

ECHOS

Na avenida, quinta feira passada, antes do descaço da banda regimetal...

Executa-se a *Tosca*; passou o *vissid'arte* e o *lucendo l'estelle*.

Mario caiu na esplanada de Santo Anjeio sob a descarga assassina que lhe preparou o feroz *Scarpia*...

Atenção, atenção, que vae começar! Uma nova peça é posta na estante e dentro em breve os muzicos fazem vibrar o ar em notas de uma encantadora mazurka...

E' doleute e arrastada, agora, como as arrematações do domingo, á porta dos paços do concelho, mas depois é vigorosa e arrebatadora como a pena de um escriptor no papel sellado de um processo do inventario orphanologico...

A deliciosa mazurka tem por titulo: *Recordação de Rodam* e o autor é...

Não percam, hoje, se houver muzica, não percam...

Um caso virgem: Um velhote pedinte, de nome Manoel Guerreiro, de S. Braz, com 70 annos de idade—aquelle mesmo que esteve ha dias no hospital, onde ao despir-se deixou cahir dos esconderijos da jaqueta os 4628000 réis em ouro e notas, foi encontrado morto na Fonte Salgada. Logo a justiça tomou conta do caso e fez-se-lhe a autopsia reconhecendo os medicos a morte natural produzida por uma pneumonia.

Mas o melhor da passagem é que com respeito a dinheiro... uns meliantes que ainda se não conseguim conhecer já antes lhe tinham feito a autopsia... ás massas.

Tinhão desaparecido as bellas notas, as libras e as meias libras. Duas autopsias... é forte!

O caso do Credito Predial chegou ao periodo agudo. E' bem agudo...

Os governadores, vica governadores e mais gente grauda isto é, José Luciano, Pinto de Magalhães, Navarro de Paiva e Antonio Candido foram chamados á *senhora mestra* D. Boa Hora para apanharem as consoadas.

Os tres ultimos foram affiançados em vinte contos mas o sr. José Luciano teve que arranjar quem o affiançasse em dois mil contos.

Sim senhor, dois mil contos! E arranjou. Ainda ha amigos... Até dá gosto ver em Portugal uma pessoa pedir fiado... dois mil contos. Lá mettemos a America n'um chinello...

A nova comissão administrativa da Ordem 3.ª de S. Francisco prohibiu o abuso dos sinos

Não se pode tocar por mais de cinco minutos, sem licença.

Mas n'outra igreja, que tem badallo proprio e não tem comissão administrativa, um dia d'estes foi uma regaleira: fartaram-se de badalar.

Fazendo o commentario um grupo discutia acaloradamente:

—Então, hein? Cada vez mais sinos!

—Mas, man, que elles não querem ter emenda!

—Isto acaba n'uma guerra civil...

Então aquelle maroto não levou uma hora a... chamar á lota...?

O boato alarmante!... Ora aqui está um mal que no nosso paiz, vae assumindo um caracter verdadeiramente epidemico. O governo já decretou algumas medidas energicas contra a sua nociva propagação, mas a epidemia está de tal modo introduzida nos habitos da nossa gente, que se nos affigura impossivel extingui-la pela simples acção das medidas decretadas.

Em tempos o boato alarmante foi um mal exclusivo de Lisboa. Nascia ordinariamente na Arcada, chegava já enfranquecido ao *Suizzo* ou ao *Martinho* e depois de ter brilhado em letra redonda nos jornaes da opposição, ia, por fim, acabar a sua ephemera existencia no desmentido habitual da imprensa do governo.

Mas de Lisboa o boato alarmante passou ás provincias, dos muelleiros de officio passou á população dos campos, e eil-o que está tomando em verdadeira calamidade nacional, trazendo em constante sobresalto o espirito da gente credula.

Agora, por exemplo, a capital está a braços com esta terrivel epidemia, a ponto da policia estar estabelecendo um cordão sanitario, tambem a nossa terra *soffre*... um boato alarmante. E é, nem mais nem menos de que a revolução para hoje.

Na cidade, mas muito principalmente no campo espalhou-se que hoje chegará a *Bernarda* e a maior parte da população campezina resolveu-se a não abandonar a tranquillidade dos seus tugurios, com receio... do chamusco.

Santa gente! Com elles julgam que nma revolução é cousa que se prepare para determinado dia, com a mesma facilidade com que se prepara um jantar de festa ou a cerimonia d'um baptisado.

N'outro tempo (aiuda não era obrigatorio o registo civil) um camponez dos arredores increpava asperamente o velho prior Ferro, de Santa Maria, por não lhe apressar o casamento de uma filha.

—Ah! você não se despacha? dizia elle, pois olhé que a mim pouco me custa...

Pego na rapariga e vou casa-la p'la administração do concelho...

—Está bem! respondeu o prior levantando pacientemente os olhos para a testa, mas veja lá, não será melhor casa-la pela capitania do porto? Se for ainda mais depressa...

JOSÉ RELVAS

O maior arrojo que uma creatura pode ter é aquelle de que ora me vejo possuido.

Dizer de um homem cuja estatura moral é um exemplo, a intelligencia um assombro e a delicadeza um modelo, só com a segurança do perdão daquelle a quem o prendem laços da maior amizade.

Se é em nome d'esta amizade que me cumpre dizer o que penso d'esta eminente individualidade po-



José Relvas

litica, do particular, como respeito á mesma, eu deveria emmudecer para não ferir á sua notável modestia.

José Relvas... Que simplicidade á deste nome, e que grande contraste ella forna dos seus grandes meritos!

Descendente de uma familia nobre e respeitavel, por todos os titulos, filho do insigne *sportman* Carlos Relvas—nome celebre que já mais se apagará nos annaes da arte de Montes, onde foi alvo das mais ruidosas ovações pela sua destreza e elegancia; photographo amator distinctissimo cujo logar ainda hoje vaga, tal a sua pericia na escolha dos primeiros planos subjugando a Natureza á Arte, conhecimentos que lhe valeram os melhores premios em todas as exposições internacionais—José Relvas é dotado de não vulgar actividade ao serviço do seu prodigioso cerebro, illuminado pela erudição adqurida desde os bancos da Universidade ás cadeiras do Curso Superior de Lettras, onde se completou.

Artista de raça, possui uma casa que, depois da sua recente reconstrucção, é bem o seu todo. E' um primor architetonico que extasia os mais versados em tudo, que a Arte se expânde.

E' um museu—a que eu, n'uma das minhas visitas, denominei—*Convento*—porque é alli que realmente reside a *Santissima Trindade*. Tudo é paz, tudo concordia, tudo amor...

Admiráveis os dois salões de muzica—que, com tanta distincção, ali é feita:—em violino, pelo nosso homem de Estado; no piano, por seu filho, um executante digno do seu progenitor.

No dia immediato ao do suicidio do saudoso Alberto Costa, encontrava-me eu no *Convento*.

Como sempre, fez-se muzica. Depois da *ouverture*, (sonata, de Beethoven) diz-nos José Relvas, com um sentimento que só elle sabe imprimir:

«Agora... á memoria do nosso Alberto Costa...»

Se o verbo tinha a melodia d'uma phrase repassada de saudade e dôr, a execução teve a harmonia que pode adivinhar-se, pelo preto rendido a um irmão d'armas!

D'armas, sim! porque, n'aquelle *Convento*, de ha muito se conspirava contra o que para ahí se afundou, para sempre, n'um mar de escandalos.

Recorda-me que em hora de palestra, apreciando-se o gesto heroico e depurador de Buica, dizia eu, «A meu sentir, acho que foi breve o soffrimento para quem tantos males espargiu...»

O Carlos fez reparo, citando o caso do mosquito seguro por alfinete n'uma aza...

Carlos é, como seu pae, um talento precoce, de exposição facil e suggestiva; um revolucionario inflexivel, uma bondade inegalavel.

Os melhores dias da minha vida foram aquelles que me tem sido dado passar n'aquelle lindo solar, n'aquelle santuario da Arte. Arte na muzica, arte na photographia, na architectura, gosto raro na acquisição e disposição dos soberbos quadros dos nossos mais laureados pintores, riquissimos *bric-à-brac*; um paraizo, enfim, pelo conjunto scenico a que a sua alma inconfundivel de verdadeiro artista soube presidir.

Do politico, bastará attentar qual a pasta que lhe confiaram:—aquella d'onde derivavam as successivas recomposições,—por espinhosa, como talvez nenhuma outra.

Ha approximadamente tres mezes... e o seu comprovado bom-senso só tem dado as maiores provas do seu incontestavel valor de estadista, das suas raras qualidades de financeiro.

Quando do 28 de janeiro fallava-se tambem da sua prisão; José Relvas encontrava-se, então, na sua residencia, nos Patudos (Alpiarça).

O povo desta villa, cioso de que lhe roubavam o convívio, tão querido, do seu amigo, dispunha-se a resistir até á ultima gotta de sangue; mas ninguém, nenhuma força armada conseguiria levar-lh'o!

... E só quem tem a fortuna de conhecer de perto José Relvas, pode crer bem na intensa amizade d'aquelle povo por S. Ex.º...

De todos os actos acertados do Directorio, tem logar primacial aquelle que cometteu, a este seu illustre membro: a missão ás potencias estrangeiras. Cremos bem que nenhum outro homem de culto o excederia no exito.

Cheio de fé, diz-nos, no seu regresso:

«... amigo: «Já tem, pelos jornaes, conhecimento do credito que o partido tem no estrangeiro. A tão decantada intervenção, verificou-se bem «que só seria possível se, na luta «final, o paiz cahisse n'um estado «anarchico—o que me não parece «acriavel, dada a força moral dos «partidos.

«A clericalhada é que ainda pode «perturbar a paz n'um ou n'outro «ponto do paiz.

«Creia-me... etc., etc.»
«Patudos, 26/VII/1910.»

José Relvas.

Quem, de tantos que o conhe-
cem poderia prever a subita transi-
ção do seu privilegiado, reflectido
e serenissimo espirito para a acção
tão audaz de revolucionario tão
prestigioso?

O seu caracter foi, assim o cre-
mos, a sua maior obra de propa-
ganda republicana.

Este seu predicado, que infeliz-
mente rareia, attrahiu milhares de
illusões desfeitas; com elle, milha-
res d'almas se emanciparam.

E, com effeito: de todos os ini-
migos do regimen oppressor foi
José Relvas um dos que em tão
curto prazo lhe abriram brecha tão
profunda, golpe de morte certo
e abençoado!

Na alma d'um revolucionario só
pode albergar-se outra substancia
que mais a anime, que torne o es-
pirito irrequieto; e são conheciamos
este estado psychologico no devo-
tado e consciencioso artista quando
se lhe falava n'uma obra, em con-
clusão, de pintor de renome, ou de
composições muzicaes celebres.

Foram sempre os seus amores:
Esthetica, Arte.

Oh!... quem tivesse a fortuna
de relacionar-se com estas *divinisa-
das creaturas* e pedir-lhes—*á Arte
sorridente e venturosa, e á supre-
ma Esthetica, esbelta, cheia de en-
cantos mil e de não menos conhe-
cimentos das bellezas da natura—*
que reconduzisses o cultor elegan-
te, o apaixonado das suas sciencias
ao seu *Convento*—permittindo-lhe,
apenas, que o seu valor aproveite
á obra de reconstrucção da nossa
querida patria—que ali... ali...
mais remocará: acariciando-as e...
deleitando-as com a subtilza im-
pressionante das suas emotivas exe-
cções no *Stradivarius*...

Se não fôra a sua alma de gran-
de patriota, o concurso imprescin-
dível de caracteres honestos para
que se salvasse da *débacle* este de-
solado paiz; se o seu fulgor não
presentisse os horrores do futuro,
porcerto que este portuguez tão
illustre não se divorciaria do que
consistue os seus maiores en-
cantos: a Família, a Arte, a muzi-
ca, as letras, a agricultura e, em-
fim, as sciencias nos seus multiplos
ramos, accetando um cargo que,
embora honroso, é politico. E isto
basta para haver opposição perfei-
ta á sua vida regrada, aos seus
habitos de tranquillidade, ainda
que trabalhando sempre, porque a
sua divisa é esta: *Modestia e Traba-
lho.*

A sua brilhante conferencia, no
Porto, a 3 de março ultimo, sob o
thema: «A questão economica por-
tuguesa,» produziu optima impres-
são—se bem que não eram ignora-
dos, e até mui divulgados, os seus
vastos conhecimentos agricolas.

O extracto d'esta conferencia é
um interessantissimo repositório
d'aquelles conhecimentos.

Diversos aspectos da questão so-
cial alli são desenvolvidos criterio-
samente, mathematicamente.

Não caberiam, pois, nas colum-
nas do *Heraldo* as justissimas refe-
rencias a que uma penna de bio-
grapho saberia dar relevo; por isso
que, vencidos pela ausencia do bu-
ril litterario, nos quedamos por aqui
—mas não sem que deixemos bem
consignado: *Se a Sociedade Portu-
guesa fosse constituída por homens da
educação e acção moral e intellectual
de José Relvas, Portugal seria a maior
de todas as nações civicas.*

Dezembro de 1910.

Silva Nogueira.

José Maria dos Santos, junior
com o curso de *Construcção
Civil e Obras Publicas pelo
Instituto de Lisboa.*

Levantamentos, plantas, cortes,
projectos e outros trabalhos de to-
pographia e construcção.

TAVIRA

UMA QUADRILHA?!

Selvagerias—Proesa nocturnas de uma sociedade anony-
ma—Agressões—Abriu-se o Limoeiro?—Interview
com os... pacientes.

Nos ultimos quinze dias têm-se es-
palbado por esta cidade varias refe-
rencias pouco precisas a um grupo
de figurões que desembestaram a
fazer tudo quanto á sua gana appe-
tece sem respeito pelos cidadãos
que maltratam e insultam, pratican-
do quantas selvagerias lhes vem á
cabeça.

Ha já duas semanas deu-se noti-
cia de terem sido destrôçadas varias
arvores da Avenida on Rua de Lis-
boa e partidas as grades que prote-
giam algumas d'ellas.

Os candieiros d'essa rua apanha-
ram tambem a sua conta.

Este facto de se implicar aitas ho-
ras da noite com as arvores, os ban-
cos e os candieiros vem de tempo
em tempo lançar uma nota iliscor-
dante no pacifico e sensaborão viver
da terra que parece morrer de en-
jão enquanto não ha alguma pouca
vergonha que ponha em exercicio os
soalheiros.

Uma reia abundante, é quasi sem-
pre a causa proxima de semelhantes
acontecimentos e em geral, ou a au-
thoridade faz a vista grossa se a co-
isa não tem importancia grande, ou
meia duzia de *lôstões* pagam o dan-
no ficando o negocio entre amigos.

Mas agora, não. Essa destruição
parece ter sido o prologo de uma
peça a cujo desenrolar os cidadãos
de Tavira vão assistindo atônitos sem
saber que imprevistos episodios a
companhia trará á sceoa cada noite;
parece que foi o primeiro signal de
vida que deu uma guerrilha, uma ver-
dadeira companhia de *malfeitores*;
foi a primeira affirmacção da sua exis-
tencia.

E de estropiar arvores passaram
depois ás caçadas nocturnas, de pe-
dradas aos candieiros adeantaram-se
até o ataque a mão armada, á ceca-
tada aos cidadãos desprevenidos, ao
tiro de revolver para amedrontar os
mais valentes e quem sabe se com
desejo de acertar...

* * *

Desejando colher as melhores infor-
mações dirigimo-nos ás pessoas que
nos constava terem sido provocadas
ou espancadas pela quadrilha. Tem
a palavra em primeiro lugar, o com-
merciante d'esta praça, sr.

José Soares Mansinho

Diz-nos que na noite de Domingo
18 se dirigia, mettido no seu varino,
por causa do frio, pela rua dr. Bom-
barda quando em frente da venda
do Manuel Joaquim, pouco mais ou
menos, deparou com um grupo de
pessoas embuçadas. Uma d'ellas to-
mou-lhe o passo, e prestando-se atre-
vidamente na frente inclinou a cabeça
para poder alem das dobras do capuz
descortinar-lhe a cara. Embirrou com
a chalaça e disse ao intrometido:

—Oh menino, isso não se faz!

O outro retirou resmungando e
foi reunir se ao grupo onde se esta-
beleceu discussão acalorada gritando
o que parecia chefe.

—Ha de conhecer-se por força!

—Percebi então, diz nos elle,
que se dispunham a vir reconhecer-
me e por isso puxei do cajado que
levava na mão e quiz pô-lo em modo
de me servir d'elle no primeiro mo-
mento; mas ao tira-lo curvei-me e
cabiue da algibeira a chave.

Quando fui apanha-la; os melian-
tes julgaram que eu agarrava algu-
ma pedra ou objecto para me defen-
der e reconsideraram antes se atirar
a mim.

Gritei e appareceram n'essa oc-
casião algumas pessoas que os perse-
guiram conseguindo prender um d'el-
les enquanto os outros fugiam apres-
sadamente para a Praça... dispa-
rando um d'elles um tiro de revol-
ver.

—E acredita que fosse brincadeira
ou realmente estavam com disposi-
ções de...

—Ora, isso é mais que certo se
não accode alguém, tinha-me aconte-

cido o mesmo que ao cortador da
vacca.

—Não conhecem nenhum d'elles?

—O tal, que parecia chefe foi detido
n'essa occasião; quizeram traze-lo
preso; é um ferreiro, irmão de um
tal Pescada, carpinteiro. Mas, na pri-
meira aberta... *raspou-se!*

—Que se passou depois?

—Eu segui o meu caminho mas
consta-me que varios populares per-
seguiram-nos até proximo da praça
gritando para os agarrarem o appa-
recendo n'essa occasião á porta do
seu estabelecimento, armado com o
metro, primeira arma que apanhou
á mão, o commerciante Manoel dos
Santos Gonçalves que presenciou a
fuga.

—Até hoje não ouvi quem tenha
sido os companheiros do Pescada?

—Falla-se p'ra lá n'este e n'aquelle
mas, com franqueza, á certo não sei.
Á administração parece que tem tra-
tado de os apanhar...

Aqui despedia-se o sr. Mansinho e
nós ficamos pensando como elle tinha
sido feliz em não lhe ter succedido
coisa peor como ao segredo entre-
vistado.

Jeronymo Ferreira

E' cortador e tem estado em Faro
sendo chamado a vir fazer serviço
em Tavira pouco depois de começar
o novo contracto das carnes.

—Cheguei aqui no sabbado de ma-
nhã, disse-nos elle, e logo no do-
mingo...

—Não se pode dizer que fosse
recebido optimamente...

—E' verdade! Nunca me aconte-
ceu uma destas. Olhe em lhe conto.
Lá o rapaz da carne convidou-me
para ir vêr o arraial
da Senhora do Livramento. A' volta, eram
quasi onze e meia
chegámos ao jardim
e eu queria ir para
casa da Rosinha Per-
ruca onde estou hos-
pedado. Mas o meu
companheiro disse:
olha vá por aqui que
é mais perto, indican-
dome a rua Alexan-
dre Herciliano. Eu lá
fui mas como estives-
se tudo ás escuras e
não costumava ir por
aquelle caminho vol-
tei para traz e vim ao primeiro arco.

—Foi ahí que o assaltaram?

—Justamente! Em plena praça da
Republica! Ia entrar na arcada quan-
do me saltou um embuçado:

—Dá cá um fosforo!

—Não dou, respondi-lhe eu, por-
que não tenho nenhum; e effectiva-
mente não tinha.

Pois ainda bem não havia acabado
a resposta quando senti na cara um
valentissimo sóco que o tratante me
jogou sem mais aquellas...

—Não ia armado ao menos com
uma bengala?

—Foi essa a minha penna se não
aquelles malandros não se ficavam
assim, não!...

—E o que fez?

—Ora o que fiz... joguei-me a
elle mas n'esse instante outro tratante
da troupe afixa-me duas garro-
chadas com um... p'ra mim é ponto
de fé que era cavallo marinho... e
senão veja.

E mostra-nos nas costas a uma
mão travessa acima dos rins dois
vergões de... primeira agua.

—De maneira que se não fuga...

—D'essa vez ainda não fugi; atirei-
me a um e levantei o punho fechado
mas logo houve outro meliante de
segunda linha que passou á frente
atirando me nma cacetada a este bra-
ço que m'o derreou... Então é que
vi que não fazia outra coisa melhor...
Desatei a fugir.

—Metteu-se em casa?

—Não, fui até á rua Direita mas
depois fui á esquadra chamar o Pas-
sarioho, policia, para ver se os caça-
vamos...

—Nada?...

Está visto!

—Mas a que attribue semelhante
agressão.

—Ora aquillo é que me queriam
levar alguns cobras... Ou então são
facinoras que dão largas aos instic-
tos de feras... que batem pelo pra-
zer de fazer mal.

—Mas verdadeiras feras que devem
segurar se quanto antes.

—Olhe eu até estou pasmado como
já não se deram providencias a este
respeito...

—Sabe que o administrador está
tratando de ver se deslinda esse ne-
gocio açamando taes fadistas com
uns mezes de cadeia?

—Pois sim, vamos a ver isso!

—Não conseguiu conhecer ninguém
já sei.

—Pois eu não conheço aqui nin-
guém cheguei ha dois dias!...

—Quem podia ter conhecido algum
era essa mulher a Pescadinha que
estava p'ra li estendida nos Arcos.
Ella até disse— Não batam no homem
—E elles responderam-lhe: cala-te
ahí senão cozemos-te a facadas!...

—Livra!...

* * *

Ahi ficam mais palavra, menos pa-
lavra, as narrativas dos nossos dois
entrevistados. Parece que mais algu-
mas pessoas tem soffrido insultos e
privações de quadrilha que escou-
ceia á soita pela ridade bateando o
record do descaramento.

A' autoridade compete proseguir
nas medidas encetadas para que nem
um dos patiforios escape á acção da
justiça.

OS "LIMPINHOS"

A sociedade phylarmonica «1.º de
Janeiro de 1896» commemora hoje o
seu 15.º anniversario.

Tendo começado por uma orchestra
pouco numerosa cujos fundadores
foram João e Francisco Leiria, João
Rodrigues Gama e Mendes Silvestre,
transformou-se, passado algum tempo
em sociedade recreativa com uma



phylarmonica que o publico se apres-
sou a baptisar de—phylarmonica—
dos Limpinhos.

Passando por successivas phases,
ora de rivalidade accessa com as suas
congeneres ora de pacifica e silen-
ciosa modorra tem atravessado quinze
annos procurando algumas das suas
direcções levantar o bom nome
d'aquella sociedade artistica e eleva-
la á altura das melhores.

Conta actualmente cento e oitenta
e seis socios protectores e 33 exe-
cutantes, estando a regencia d'estes
a cargo do sr. João Guerreiro. N'ua
situação relativamente prospera
abriu um excellent Gabinete de Lei-
tura franqueado aos socios, anexan-
do um club recreativo e realisando
nitidamente repetidos melhoramen-
tos, sendo modelar o systema d'illu-
minação agora adoptado.

Concorreu a dois certamens muzi-
caes tendo obtido o primeiro premio
no de Ayuntme em 1907 e segundo
premio no de Faro em 1908 por oc-
casião da festa da cidade.

Hoje, realisa esta associação, a
commemoração do seu anniversario
promovendo uma festa muzical e
uma sessão solemne. Por isso o *He-
raldo* publica a photographia do cor-
po dos executantes com o seu re-
gente.

Os corpos gerentes para o futuro
triennio de 1911 a 1913 ficaram as-
sim constituídos:

Assembleia geral:—José Joaquim
Parreira Faria, Roque Luiz Faria
Pence, José Soares Mansinho, Fran-
cisco Custodio Gonçalves, Antonio
Francisco Reis.

Direcção:—Antonio Verissimo Sant'
Anna dos Santos, Antonio Pereira
de Vasconcellos, Manuel Francisco
Leiria, Aurélio Rodrigues Mil-Hó-
mens, Manoel Antonio Pinto d'Almei-
da, José Francisco Lauriola, José
Viegas Mansinho.

Conselho fiscal:—Antonio de Jesus
Cabrinha, José Joaquim Leiria, An-
tonio Pires Rico.

TRIBUNA LIVRE

OS FILHOS ADULTERINOS

*Afóra os incestuosos, podem ser per-
fidos todos os filhos illegitimos.*

Ainda bem que as disposições ana-
chronicas e vergonhosas do código
civil portuguez, estigmatizadas ha
muito pela corrente imperiosa das
ideias liberaes, vão sendo banidas ou
amoldadas ao espirito da actualida-
de. O código civil portuguez, appro-
vado por carta de lei de 1 de julho
de 1867 e evado de doutrinas reac-
cionarias, d'essas doutrinas infaman-
tes que definham e abastardam o
cerebro e o coração, tem para nós o
aspecto d'um monumento colossal
que, por se ter baseado em alicerces
combalidos, vae cair, desmoronan-
do-se a pouco a pouco. Mas, varrido
o solo em que os preconceitos o edi-
ficaram, ahí se levantará, dentro de
poucos dias, outro monumento, duas
vezes grandioso, na materia e na
vida,—como quem diz, na arte jurí-
dica e na pureza intrinseca do espi-
rito que o adaptará ás circumstancias
da natureza e do meio.

O código civil portuguez, a respei-
to da sua arte, não é um trabalho
banal; pela contrario, impõe-se, com
justo motivo, á admiração dos que
fazem e manuseiam as leis, e assim
o tem considerado os legisladores e
os juriscónsultos de todo o mundo.
Mas este facto, que é notavel, unica-
mente nos faz saber que presidiu á
sua edificação uma intelligencia culta.
E' certo que uma ou outra vez se
contradiz e se torna incomprehen-
sivel; no emtanto, esses defeitos, que
alias são raros, não empanam o bri-
lho da intelligencia que o formou.

Assim o pudessemos considerar sob
o aspecto do sentimento, no confron-
to das suas ideias com as exigencias
da natureza e da moral. N'este sen-
tido, o código civil portuguez é mon-
struoso, porque tem disposições vexa-
torias, deshumanas, offensivas da
dignidade d'um povo livre. Não fôra
elle insulfado do espirito reaccionario
que deu vida á sua estrutura
material! Ahí nos governava, com
toda essa monstruosidade, apertando
em circulos de ferro as nossas aspi-
rações e os nossos legitimos direitos,
nascidos do coração, á voz imperati-
va da natureza, que é uma fonte
inesgotavel de leis soberanas. E on-
de o código civil mais tyrannizava a
nossa consciencia era evidentemente
nas disposições relativas ao casamen-
to, aos filhos illegitimos e á facilida-
de de dispor dos ossos haveres.

Santa obra a da Republica! Tendo
providenciado d'um modo rasgada-
mente liberal a respeito do divorcio
e das herauças, o governo provisio-
rio acaba de legar ao povo portuguez
o melhor exemplo da sua generosi-
dade. Rasgou no código civil as
folhas negras e abominaveis de ve-
lhos e injustificados preconceitos, que
eram sem duvida uma triste creação
dos inimigos do sentimento e da li-
berdade, e, além de decretar o que
podia haver de melhor em relação
ao casamento como contracto civil,
*rehabilitou perante a sociedade os filhos
adulterinos*, que são os filhos havidos
por qualquer pessoa, casada ao tempo

da concepção, d'ontra que não seja o seu consorte. Estes filhos não podiam ser perfilhados, e os legisladores esforçavam-se por justificar este principio, allegando que a faculdade de reconhecer ou perfilhar taes filhos importaria um grave incitamento à pratica do adulterio e, como consequencia, um attentado á ordem moral que deve presidir á organização e ao funcionamento da familia. Pensavam elles, os ingenhos, que a lei seria um freio ao instincto sexual, ao amor, á natureza. Mas enganaram-se. E apesar de tudo, manteve-se de pé, inalteravel, até agora, esse velho enxerto de moralidade artificial! Devido a elle, os seres nossos eguaes, formados pela natureza, que o' esta parte não respeitou, por ser impissível, a convenção do adulterio, mal nasciam, logo respiravam a indifferença, o desprezo, os insultos da sociedade. A natureza creava-os tão perfeitos como aquelles a quem a sociedade hafejava de sorrisos, amores e graças, mas a convenção, a estúpida convenção, que é mãe de tantos crimes, ofuscava-lhes o sol da vida e assentava-lhes no rosto a mascara infamante que a não menos infamante convenção atria ao rosto dos presos penitenciarios.

Ao vigorar o decreto n.º 2 de 25 de dezembro de 1910, será bem outra a sorte dos adulterinos. O matrimonio legitima sempre os filhos nascidos antes d'elle das pessoas que o contrahem, qualquer que fosse o estado d'estas no momento da concepção ou do nascimento d'esses mesmos filhos. E é justo. Se da união de duas pessoas havia nascido um filho adulterino, por que motivo a sociedade, a lei, não consentia que ellas o reconhecessem como tal? Por que razão esse filho que veio depois a ser filho commum de duas pessoas ligadas pelo casamento, só havia de ter, e em casos restrictos, o direito de exigir de seus procreadores os alimentos necessarios, sendo em tudo o mais havidos por inteiramente estranhos aos paes e á familia d'estes!? Nenhum principio de justiça ou de moral justificava esta affronta ao coração.

Ao vigorar o decreto n.º 2 de 25 de dezembro de 1910, todos os filhos illegitimos, afóra os incestuosos, podem ser perfilhados, e, para este effeito, são considerados incestuosos os filhos de parentes por consanguinidade ou afinidade em qualquer grau da linha recta e os filhos de parentes por consanguinidade no segundo grau da linha transversal. E' justificavel a regra e é justificavel a excepção.

Entre os povos antigos, era licito, em grande numero d'elles, o casamento de dois irmãos e, o que é mais, de dois parentes na linha recta. Além d'outros, os medas, os persas, os indios, os parthos, os scythas, os egypcios, os gregos, os arabes, os germanos e os dinamarquezes esposavam suas irmãs, suas filhas e suas nêas. Assim no-to affirmam S. Jeronymo, Sixto, Philon, Strabão, Justiniano, Prisco, Diodoro da Sicilia, Autisthenes, etc. Mas todas essas praticas distantes, que eram a prova mais triste da promiscuidade ou hetairismo legal dos povos, cabiram em desuso, porque significavam um insulto vil á dignidade moral, á constituição, á ordem, á santidade da familia. Hoje só a historia, nas suas paginas de miseria social, nos fala d'essas instituições aberraticas. Nem foi só a moral que as repelliu: foi a propria natureza. E é por isso que á sociedade familiar continuam a ser estranhos, quasi em absoluto, os filhos incestuosos. Não podia a lei ir contra a moral e, simultaneamente, contra a natureza.

O decreto n.º 2 de 25 de dezembro de 1910 vae ainda mais longe. Acaba, relativamente aos filhos illegitimos, com o processo moroso e, as mais das vezes, inutil da assistencia judiciaria gratuita. Se era certo que a lei permitia aos filhos illegitimos, excepto os adulterinos e os incestuosos, a faculdade de proporem a acção de investigação de paternidade ou maternidade, não era menos certo que os filhos, sendo pobres, não conseguiam effectivar esse direito, porque, victimas da injustiça e da immoralidade, lhes era frequentemente impossivel obter a assistencia judiciaria gratuita. Agora não: o filho illegitimo que deseje ser legal-

mente reconhecido presume-se pobre, para o effeito de lhe ser concedida a assistencia judiciaria. Pungenos dizer que não é bem esta a letra de lei, mas com certeza é este o seu espirito.

Contém outra disposição amplamente liberal o decreto n.º 2 de 25 de dezembro de 1910: é a obrigação que o pae tem de prestar alimentos e indemnizações á mulher pobre de quem houver um filho illegitimo.

Tudo isto é nobre e alevantado, mas o que superiormente e bellamente nos impressiona é a circumstancia do illustre ministro da justiça rehabilitar os filhos adulterinos. A legislação da familia, hanindo dos seus artigos este velho preconceito, reconhece como legitima a obra da natureza, que n'esta parte não deveira ter sido sacrificada aos caprichos da lei.

Faro, 27 de Dezembro de 1910.

João Pedro de Sousa,
advogado

BUROCRACIA

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 26-12-1910.

Manuel Fernandes de Brito requereu licença para construir um muro no sitio de Synagoga, Santo Estevão; concedida.

João de Brito pede licença para collocar um cano de despejo de aguas pluvias em um predio que possui na rua das Pedras; concedida.

Resolveu-se abrir concurso para o fornecimento de carras para o serviço de limpeza que ha de ser feito sob a direcção da Camara Municipal.

Recebeu-se reclamação contra a falta de carne de 2.ª classe sendo intimado o arrematante a cumprir o contracto.

Retirou-se o concurso do lugar de fiscal do Mercado e cobrador dos impostos municipaes n'esse mercado por effeito de ter a Camara rezolvido pôr em arrematação esses impostos. Foram arrematados os seguintes ramos de impostos Municipaes:

Ramo primeiro—farinhas e cereaes—á Companhia Tavirense de Moagens e Massas pela quotia de 1.101\$000 reis.

Ramo quinto—á Albino Gomes Panilo por 56\$000 reis.

Ramo sexto—á Albino Gomes Panilo por 101\$000 reis.

Ramo setimo—mercearias—á Albino Gomes Panilo—por 130\$500 reis.

Ramo oitavo—lá e algodã—á Albino Gomes Panilo por 260\$100 reis.

Ramo decimo—sola etc.—á José Francisco das Chagas por 50\$200

Ramo decimo terceiro—á Companhia do petroleo por 130\$000 reis.

Não tendo chegado a accordo com o unico concorrente á arrematação da carne de carneiro ou chihato—á camara continua a permitir a venda livre.

José do Carmo Figueiredo e João de Jesus Pescada que tinham sido intimados a acabar os seus predios, pediram á Camara licença para o fazer até 30 de Março; concedida.

Apresentou-se o relatório dos medicos municipaes indicando como preciso immediatamente o deslocamento da cadeia e do cemiterio publico que offerecem perigo para os habitantes da cidade. A Camara resolveu proceder n' mais breve possivel a esse saueamento pensando em ahirir um emprestimo municipal com que possa acudir ao empreendimento.

De harmonia com o decreto de 10 de outubro a Camara nomeou para a junta de repartidores do concelho os srs:

Dr. Silvestre Falcão, Antonio Jose Ramos, José Antonio da Silva e suplentes José Joaquim Ferreira, José Riheiro Ramos e Manuel Coelho de Mattos.

Sessão extraordinaria de 31 de Dezembro.

Foi arrematado por 2.601\$000 rs. a Albino Gomes Panilo o ramo dos impostos municipaes sobre o mercado.

Foi arrematado a Antonio Roiz Martins, o fornecimento das medidas e pezos aos vendedores não podendo o arrematante exigir taxa a quem venda generos em quantidade menor de 5 alqueires.

CARTA DE FARO

JUIZO DO ANNO—A QUEDA DOS ANJOS, O DILUVIO, AS PRAGAS DO EGYPTO E OS SUCESSOS DE 1910.—A ACÇÃO DEMOLIDORA DAS NOSSAS CORRESPONDENCIAS—A NOSSA OBSCURA PENNA E A VARINHA MAGICA DAS FADAS—O QUE NÓS FEZEMOS AOS CACIQUES, AOS MESTRES BURLÕES E AO «MAOAMISMO» PE LINTA DE FARO—A NOSSA CANTICA NA TERRA, NO MAR E NO CÉO—NÓS E O REPUBLICANISMO TRIUMFANTE—AINDA O «DESCREITO PREDIAL» E O «DESCREITO LYCEAL»—AFFONSO COSTA, A SUA LINGUA VIBRANTE E O NARIZ DO PREDIALISTA BEIRÃO—NÓS E OS «HINTONS» DO ENSINO—REEDIÇÃO DAS FAMOSAS CARTAS DE UM ESCANDALOSO «NEGOCIO»—VIRGULAS, PONTOS E LETRAS—OS ODIOS, AS PRAGAS E AS CONVICÇÕES POLITICAS DO SR. ARANHÃO. AINDA O EX-SALTADOR ANTONICO—RELEMBRA-SE QUE PEDIMOS A REFORMA DO PADRE ETERNO E A EXONERAÇÃO DA VIRGEM MARIA—RESUMO HISTORICO DOS NOSSOS TRABALHOS COLLOSSALISSIMOS—SUCESSOS E REVESES,—O QUE TENCIONAMOS FAZER—ETC ETC

Vae o anno a espichar! Que o leve o demo! Não deixa saudades!

E' que foi de X. P. T. O. o tal senhor anno de 1910!

A queda dos anjos, o diluvio universal, as sete pragas do Egipto, a degolação dos innocentes, a matança dos christãos novos e quejandas torpezas em que se têm envolvido o bicho homem, são simplissimas bugiaras comparadas aos successos tremendos, horripilantes e causticos que este negregado anno nos tem trasido na volta dos seus tresentos e sessenta e cinco dias.

E se, em todo o paiz tem sido prodigo em acontecimentos, aqui, em Faro, nesta cidade da Virgem, nesta terra ditosa que o afinadissimo, monstruosissimo e pedagogissimo sr. Aranhão elegeu para theatro das suas evoluções politicas, tem sido assombroso!

Faz agora um anno, neste mesmo lugar, com esta mesma orientação e, quicá para este mesmo respeitavel publico mundial que nos honra com a sua inapreciavel leitura, jorrava dos bicos da nossa penna o mais substancioso caudal de verdades.

Revolvendo a sociedade farenses desde os seus alicerces de lama, até ás camadas superiores em que estadeiam os inuteis protegidos pelo seu dinheiro ou os fatuos e presumidos, couraçados com a audacia do tratantismo que os distinguem, a nossa penna inflexivel nem um instante tem cessado a sua obra demolidora.

Não cessou nem cessará.

E' que era e é necessario purificar este ambiente de torpezas; varrer, fazer uma depuração a tudo o que predomina nesta cidadina sociedade tão hypocrita como perfida, onde o primeiro aventureiro, sem eira nem beira, dá leis com a mesma semcermonia, com o mesmo descaramento com que qualquer mestre burião do lyceu ou da escola districtal dá pontos ou valores aos seus discipulos.

E' por isso que, neste decurso de tempo, neste anno tão fertil em acontecimentos a nossa obscura penna, como a varinha magica de qualquer maravilhosa fada, se tem transformado ora em tuba epica, apregoadora das nobres acções de quem quer que seja, ora em symbolico e desafinado pifano, prompto a castigar com as implacaveis fias da ironia, os abusos, as trapaças, as tralhas e todas as manifestações de tratantismo havidas e por haver.

Tem sido vasta e curiosa a galeria dos nossos typos.

Desde o cacique omnipotente, cheio de ranha e má fé, até ao vaidoso enfatuado e mau, que pretende subir a troco de tudo, sacrificando o brio e a dignidade, isto com escala pelo madamismo pretencioso que roja sedas e não sabe pentear-se, tudo tem desfido perante a vista maravilhada dos nossos leitores nesta fita animatografica que são as nossas correspondencias semanaes!

Nem os sectarios do padralhismo,

geralmente tão abundantes de carnes como de asneiras nos tem escapado!

Nem o mestre lórpa ignorante e estúpido, nem o magister escapo pelas largas malhas de um concurso peditorio tem sido poupados pelas setas de ouro da nossa critica imparcialissima e justa!

A terra, o mar e até o proprio céo, nos tem fornecido abundantes motivos.

E o mais curioso do facto é que temos seguido, passo a passo, nestes nossos processos de combate, sempre leal porque é guerra feita em plena luz, a marcha triumphal do republicanismo indigena.

Assim, quando em plena camara electiva se levantou a famigerada questão do *Descreito Predial*, nós, aqui, neste mesmo lugar, iniciámos a critica ao *descreito lyceal*—descreito iniciado pelo celebre conselheiro tragico em que o monstruoso pedagogo sr. Aranhão e o ex-saltador, sr. Antonico, tanto se evidenciaram, como foi publico e notorio!

Quando, nessas mesmas camaras se tratou da *Questão Hinton*, e o enorme nariz do predialista Beirão fugiu com medo da lingua vibrante de Affonso Costa, nós, aqui, neste recanto da provincia, seguimos o trilho deste e, enquanto o illustre parlamentar lia as celeberrimas cartas, que mysteriosamente lhe tinham sido remetidas, e que tanta luz lançaram sobre tão obscuro caso, nós, nas columnas do *Heraldo*, desmascaravamos, por nossa vez, os *Hintons* do ensino e davamos á estampa aquellas famigeradas cartas cujos autographos possuímos e que tanta luz derramaram sobre as personalidades de certos carões que só cuidam em enfeitar-se com pennas de pavão, em vez de nos libertarem da acção mephitica do fertilissimo caudal das suas baboseiras.

Dizer que a divulgação dessas innocentes cartas e de outras que então vieram a lume, nos atrahiram mais odios que maldições tem cabido sobre a cabeça de Judas e convicções politicas tem alardeado, com aquella seriedade que lhe é peculiar, o popular sr. Aranhão é confessar a mais genuina e verdadeira de todas as verdades.

Depois destes factos memoraveis e inesqueciveis, esboçou-se mais encarnadamente a lucta entre a furibunda clericalha e os liberaes.

Então, muito antes de proclamada a Republica, nós, aqui, nestas mesmas columnas, com o mesmo tãgante com que tínhamos fustigado o ex-saltador Antonico e a horda de *ganhões* por elle protegida, fustigámos o padralhismo, cahimos a fundo sobre a thalassaria e levámos a nossa audacia ao ponto de lembrarmos ao governo de então a alta conveniencia de reformar o velho reaccionario Padre Eterno, o maior de todos os *predialistas* da corte celeste, e de exonerar a Virgem Maria de padroeira destes santos logares, por incompetencia!

Pediu-se inquerito do caso Hinton?

Nós pedimos uma syndicancia ao lyceu de Faro, criticámos tudo e todos os que mereciam critica, exauramos e continuaremos a exaurir quantos polymaniacos perigosos e *bandeirinhas* mais perigosos ainda tenham o arrojo de alardear suas torpezas; exaltámos os poucos que mereciam louvores, realisámos, emfim, trabalhos só comparaveis em grandiosidade e imponencia aos de Hercules, de celebrada memoria.

Pois bem! Um anno de luctas decorreu. Começou já a fructificar a nossa obra e temos esperanças de que mais opimos fructos, nos trará ainda.

Como, porem, nem os successos nos deslumbram nem os revezes nos incibiam e a tinta e o papel ainda não mostram tendencias a acabar, aqui estamos intemeratos no nosso posto—não para fazer a Republica pela instrução, como qualquer Aranhão vulgar do Linneu—mas para ajudar a consoldar, fazendo derruir com as machadadas da nossa critica quantos gigantes do *tratantismo* ameaçarem prevter, ainda mais, esta enorme "feira

de vaidades" que é a sociedade farenses.

Um pouco mais de paciencia, cidadão leitor, e o mysterio será desvendado.

Saude e fraternidade.

Senanpidio.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 1—D. Maria Edoarda Rego, Eduardo Alberto da Silva Soares, Manoel Martins de Sousa Ceraça, Autoeio Merie Freire Tavares Ballo, Bento Ruah.

Segunda, 2—D. Esther Sibia Levy, D. Maria Luiza Parreira Callapez, D. Mané Quiteria Antunes Anderson.

Terça, 3—D. Maria Eduarda Ramos.

Quarta, 4—D. Maria Isabel Mimoso, D. Maria de Padue Cruz, D. Anna da Cunha Netto, condessa do Cabo de Santa Maria, Dr. Francisco Fernandes Rosa Falcão.

Sexta, 6—D. Sebastiana d'Ascenção Contreiras, O. Maria Albertina Reis Mendonça, D. Maria Emilia Carvalho Pinto, D. Angelina Xavier Raposa do Amaral, Elizeu Sequerra, Jacob Ruah.

Sabado, 7—D. Auta Vaz, Velho da Palma Carlos, Eduardo Alberto de Abreu Brazil.

Partiu de Olhão para Lisboa afim de seguir depois da capital para Africa a sr.ª D. Maria Rosa Paula de Brito Pacheco esposa do sr. Felippe Pedro Pacheco, gerente da Compañia do Congo em Landana.

De passagem esteve o' esta cidade n'um dos dias d'esta esozana o rv. prior da Conceição de Faro sr. Evaristo do Rosario Guerreiro.

Em Adoufe no concelho de Brage, consorciouse a sr.ª D. Laura Soares, irmã do sr. Franklin Soares, reitor do lyceu de Faro com o sr. Autoeio Ferreira Mechado do Fomalição.

Em casa da sr.ª O. Maria Sociecio Padinha que esteve n'esta cidade na semana passada, pessoa os ultimos dias do festa a sr. D. Heorigneta Leote, do Faro.

Encontra-se doente com um ataque de «grippe» o sr. Autoeio Reis.

De Lisboa, regressarem a Tavira ae sr.ª D. Thereza Lemos e D. Estella Lemos.

Estiveram em Tavira o coronel commandante da brigada sr. José de Vasconcellos e seu irmão e coronel sr. João de Mello P. Vasconcellos.

No rapido de sebbado regressou a esta cidade o sr. José Antonio Mil Homens.

Na igreja parochial de Santa Maria baptisou-se um filhinho do sr. João Sebbio, notario em Loulé. O ocephilo recebeu o nome de Luiz Augusto.

Com sua esposa encontra-se em Tavira o sr. dr. José Castanho delegado do Procurador da Republica em Silves.

LYSTER FRANCO

Ainda acerca das falsas insinuações que contra este nosso collega foram criminosamente divulgadas e em que, era voz corrente ter o sr. João Rodrigues Aragão a unica responsabilidade, o que este senhor contestou, recebemos a seguinte carta:

Meu caro Santos:

Affirma o sr. Aragão, no seu arasoado, inserto no ultimo numero do *Heraldo*, que não fui elle a denunciante das pretendidas irregularidades existentes na secretaria do lyceu de Faro, que em tempos esteve a meu cargo.

Registo.

Faro, 27 de dezembro de 1910.

Lyster Franco.

JOÃO PEDRO DE SOUSA

Com o excellente artigo *Filhos Adulterinos* que publicamos noutro lugar, inicia hoje a sua collaboração no *Heraldo* o distincto jornalista sr. dr. João Pedro de Sousa, actualmente residindo em Faro onde abriu escriptorio de advocacia, e que durante muitos mezes, no seu jornal *Aurora do Tua* deixou com prodigalidade as provas do seu superior espirito e da sua brilhante intelligencia.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos a *Farinha Peitoral Ferruginosa de Franco*, por estar legalmente auctorizada e privilegiada, e por ter merecido as medalhas d'ouro das exposições, garantindo a sua efficacia milhares de medicos e doentes que a tem usado. E' tambem precioso alimento para creanças e pessoas de estomago debil ou que pretendam um *lunch* ou refeição facilmente digerivel, cuja acção pode realçar-se com um calix de vinho Nutritivo de Carne.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira

A comissão administrativa desta Santa Casa convida todos os devedores de fóros, juros atrazados e de laudemios, a satisfazerem os seus debitos no prazo de 30 dias. Passado este prazo procederá judicialmente.

Tavira, 6 de janeiro de 1911.

O presidente,

Silvestre Falcão

6

VENDE-SE um predio de casas composto de altos e baixo, sito na rua Direita, frente para a rua de Santo Antonio, trazeiras para o rio.

Quem pretender dirija-se a Joaquim Peres, medico. 164

EDITOS DE 40 DIAS

(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Tavira, e pelo cartorio do 1.º officio, correm editos de quarenta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando Joaquim dos Santos, do sitio da Asseca, freguezia de Sant'Iago, e João Pereira Dias, do sitio do Malhão, freguezia de Santo Estevão, da mesma comarca, ambos casados proprietarios, actualmente ausentes em parte incerta, para no prazo de dez dias posterior ao dos editos, pagarem ao exequente Jordão José Cansado, casado, proprietario, residente em Tavira, a quantia de 310.352 reis, importancia de uma letra, juros e custas em que, por sentença proferida em uma acção commercial foram solidariamente condemnados, a pagarem mais os juros, custas, sellos, e demais despesas exigíveis, ou nomearem á penhora bens sufficientes para este pagamento, sob pena de, quanto ao primeiro, se converter em penhora o arresto para segurança da divida feita em um seu predio, e, quanto ao segundo, se devolver ao exequente o direito da nomeação, seguindo-se os termos da execução.

Tavira, 10 de novembro de 1910. Verifiquei.

O Juiz de Direito, Serpa, O escrivão,

José Joaquim Parreira Faria. 2

ARRENDASE a Horta Vermelha, no sitio do Alto, freguezia de S. Thiago, pertencente a João José Albino. Trata-se com o conservador d'esta comarca, dr. S. Mões da Costa. 3

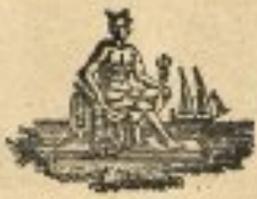
PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

UNICO auctorizado pelo Governo, approvedo pela Junta de Saude Publica e privilegiado

Recommendado por centenares dos mais distinctos medicos, que garantem a sua superioridade contra a debilidade, na pobreza de sangue (anemia), nas digestões difíceis, na convalescença de todas as doenças, em geral, sempre que é preciso levantar as forças ou enriquecer o sangue; usando-o tambem, com o maior proveito, as pessoas de boa saude, mas de constituição fraca, e as robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico, para reparar as perdas occasionadas por esse excesso de trabalho. Um cálice de vinho representa um bom bife. Tem sido premiado com as medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido.

A venda nas pharmacias. Depósito Geral: Conde do Restello & C.ª Pharmacia Franco, F.ª—Lisboa.



PEROLA DE TAVIRA

NOVO ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS E MODAS

DE

JOSÉ SOARES MANSINHO

PRAÇA DA REPUBLICA

TAVIRA

Tencionando aproveitar os grandes saldos nos armazens de Lisboa e Porto, resolvi fazer grandes descontos a todos os artigos existentes no meu estabelecimento ou seja 30 por cento mais barato dos preços correntes. (UM TERÇO MAIS BARATO!)

Fazendas pretas e de cor para sobretudos e fatos ha para liquidar um magnifico sortido em ELASTICOTINES, CHEVIOTES, DIAGONAES, FLANELLAS, CASIMIRAS, PICOTILHOS, SERROBECOS, CATRAPANHAS para varinos e capas, um lote assombroso de cortes em fino gosto para calça.

Fazendas para vestidos alta novidade em cortes merecenizados, listadas em setim, Biarritz, lãs, setins em todas as cores da moda, cachemiras, sargés etc. etc.

Amazonas é n'esta casa onde o ex.º cliente tem occasião d'observar o deslumbrante sortido em todas as qualidades de fazendas, n'este genero: CHEVIOTES, FLANELLAS DE SARGE, LUSITANA com pelo de seda, e de lã: com carapinha e rapada; MESCLAS, SARJAS, CASTELLETAS e mais fazendas que se vendem por preços ao alcance de todos.

Chalices, sortido vasto em todas as côres qualidades e desenhos; de seda genuina seda lavrada; pretos e de côres primorosas. Em froco; lindos desenhos em listas e lavrados de seda. Em malha; desenhos chics em relevo. Em lã; moderna colleção em pelo, com xadrez, listas e lisos. De casimira, flanela, merino com cadilhos de seda e muitas outras qualidades; ha seis lotes de chalices para liquidar.

Para casacos d'agasalho a ultima palavra da moda em LONTRA, ASTRAKANS, VELUDOS MATIZADOS e MELTONS brilhantes.

Malhas grande stoch em BLUSÕES para senhoras, casacos, capas, vestidos e toucas artisticamente bordadas para creanças.

Colchas estrangeiras diferentes tamanhos, de SEDA MIXTA, em alto relevo; de PIQUET, em branco e côres, desenhos exclusivos; de FUSTAO e mais qualidades em côres finas.

Zephiros e Oxfordes em magnificos padrões para camisas. * * * * *

Flanelas d'algodão, enorme pechincha, as mais fortes, as mais largas, que o seu preço, é actualmente 200 e 180, aqui só custam 110. Grande occasião para o freguez fazer as suas compras.

Secção de modas como VELUDO MIROIR o moderno, da actualidade, em todas as côres; peluches, cafeites de luxo em todos os generos, setins, guipures, fitas de setim, seda e veludo de todas as côres e larguras, rendas de seda, gaze, guipur, cordone, valencianas, crúas, fortes e gomadas.

Bordados! Bordados! Bordados! Em magnifico panno de linho ha milhares de peças para liquidar: o verdadeiro bordado suizo que é sempre o preferivel pelo seu acabamento pois aqui este magnifico bordado vende-se actualmente por preço increditaveis.

Vender muito e ganhar pouco é a divisa d'esta casa

VENDAS SO' A DINHEIRO (162)

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO

AGRADECIMENTO

Vicente Rocha, serve-se d'este meio, visto estar ausente, para agradecer penhoradissimo a todas as pessoas que houraram com a sua presença o funeral de sua extimosa mãe, D. Gertrudes Cardoso Rocha.

Vigo, 30 de Dezembro de 1910.

5

CASAS

Vendem-se duas moradas de casas: uma na rua de S. Thiago com os n.ºs de policia 2 e 4, com 9 compartimentos, sobrado e grande quintal; outra na rua de S. Lazaro com o n.º 65, com 7 compartimentos, 2 sobrados, quintal, poço e cavalleria. Quem pretender dirija-se ás suas proprietarias, na Rua Nova Grande, 55—TAVIRA. 546

546

CONTRA A TOSSE

Xarope peltoral James

Premiado com medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido

RECOMMENDADO POR MAIS DE 300 DOS PRINCIPAES MEDICOS

UNICO especifico contra tosses approvedo pelo Conselho-de-Saude Publica e tambem o unico legalmente auctorizado e privilegiado, depois de evidenciada a sua efficacia em muitissimas observações officialmente feitas nos hospitaes e na clinica particular, sendo considerado como um verdadeiro especifico contra as bronchites (agudas ou chronicas), destuzo tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito e contra todas as irritações nervosas.

A venda nas pharmacias. Depósito geral: Pharmacia Franco, F.ª — Conde do Restello & C.ª, Belem—Lisboa. 58

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO DE TAVIRA

A comissão administrativa d'este hospital previne todos os devedores de laudemios, fóros e juros, em atraso ao mesmo hospital, que deliberou proceder judicialmente á sua cobrança a partir de 1 de fevereiro de 1911.

Todos aquelles que queiram satisfazer os seus debitos voluntariamente, poderão fazel-o em todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde na secretaria do hospital.

A Comissão,

João José de Mattos Parreira, Henrique Alberto Leote Cavaco, Julio Antunes Pinto

4

CASAS

Vende-se uma morada de casas na Rua da Caridade, com o n.º 58 de policia. trata-se com João Baptista Falleiro—TAVIRA.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha PITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA autorizada, privilegiada premiada com Medalhas d'OURO e em todas as exposições

E' um excellente tonico reconstituinte, e um precioso alimento reparador, muito agradável e de facil digestão, de que milhares de medicos e doentes tem tirado como attestam, o maior proveito na falta de appetite, nos padecimentos de peito, na convalescença de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, das pessoas idosas, creanças, anemicos e em geral dos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Depósito geral: —Pharmacia Franco, Filhos, Belem—Lisboa. 58

ESTANCIA DE MADEIRAS

OFFICINA DE CARPINTEIRO

DE

Firmino A. Peres & Irmão

RUA DA CARIDADE

TAVIRA

ABRE no dia 1.º de Janeiro este A estabelecimento, contendo á venda, soalho, quina viva, ferro, barrotos, flandres em todas as dimensões, ferragens nacionaes e estrangeiras.

Preços sem competencia